

# A gênese do signo: o jogo do carretel e o gesto da faca\*

## *The genesis of the sign: the spool game and the knife gesture*

Dominique Ducard

Université Paris XII – Val-de-Marne



**RESUMO:** Este texto é uma Comunicação feita no colóquio do Centre Culturel International de Cerisy-la-Salle, *Freud et le langage*, em setembro de 2007, que apresenta um estudo do autor sobre a gênese do signo ressaltando a atividade de simbolização.

**Palavras-chave:** signo; gesto mental; enunciação.

**ABSTRACT:** This text is a communication delivered in the Colloquium of the Centre Culturel International de Cerisy-la-Salle, *Freud and language*, in September 2007, which presents the author's study on the genesis of the sign, highlighting its activity of symbolization.

**Key words:** sign; mental gesture; enunciation.

### Observação e especulação

A observação feita por Freud das brincadeiras de uma criança de 18 meses, cujo cenário foi abundantemente comentado, tornou-se, para todos os que se interessam por psicanálise e linguagem, uma espécie de narrativa etiológica: uma ilustração exemplar da estruturação elementar da significação no sistema significante de uma língua e do processo de simbolização. Essa observação e seu comentário são uma etapa do raciocínio de Freud em “Além do princípio do prazer” (1920),<sup>1</sup> em sua tentativa de fundamentar a hipótese das duas tendências, tanto para a vida orgânica quanto para a vida psíquica, que seriam as pulsões de vida e as pulsões de morte. O desenvolvimento do discurso é característico do modo como Freud avança: claudicando, podendo-se até mesmo dizer precariamente. Diante da impossibilidade de dar respostas exatas às perguntas que lhe surgem, Freud considera em sua conclusão, como cientista consciente dos limites de sua reflexão, a eventualidade de ter de abandonar uma via que não levará a parte alguma, distinguindo-se “daqueles crédulos que esperam que a ciência substitua o catolicismo que eles abandonaram [...]”.<sup>2</sup> A paciência requerida pelo conhecimento científico encontra então um consolo nas palavras do poeta:

Aquilo que não se pode alcançar voando deve-se alcançar cambaleando

[...]

Cambaleiar, diz a escritura, não é pecado.<sup>3</sup>

Embora Freud utilize como muletas as reflexões de poetas-filósofos, tais como Platão e Schopenhauer, ele encontra apoios, frágeis e incertos, sobretudo em certas teorias biológicas de sua época, absorvendo aquilo que lhe parece satisfazer seus esforços intelectuais, acerca dos quais convém demonstrar, ele afirma, “uma benevolência das mais moderadas”.<sup>4</sup> Mas seu interesse é sempre manter uma ligação entre as “hipóteses metapsicológicas” – cujo caráter indeterminado está afirmado, esgotando às vezes sua “linha de pensamento” por “simples curiosidade científica” – e as observações concretas.

### A brincadeira do carretel

A brincadeira da criança, na verdade o neto de Freud, com o qual ele informa ter passado diversas semanas, pode ser considerada um de seus objetos de estudo que, junto aos fatos clínicos, permitem fincar um pé no empirismo. O fato é registrado, essencialmente, no segundo capítulo dos *Ensaio*s. Após um primeiro passo em

\* Tradução de Alessandra Bez, Gustavo de Azambuja Feix, Joice Monticelli Furtado, Mirella Maines, Paula Fernanda Malaszkiwicz; revisão de tradução de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard (UFRGS); revisão técnica de Valdir do Nascimento Flores (UFRGS) e de Leci Borges Barbisan (PUCRS).

<sup>1</sup> Sigmund Freud, “Au-delà du principe du plaisir” [Jenseits des Lustprinzips (1920), *Gesammelte Werke*, T. XIII, p. 3-69], *Essais de psychanalyse*, tradução sob a responsabilidade de André Bourguignon, Paris: PB Payot, 1981.

<sup>2</sup> Idem, p. 114.

<sup>3</sup> Idem, p. 115. A edição na PB Payot de 1963 oferece o texto em alemão: “Was mann nicht erfliegen kann, muss man erhinken (...) Die Schrift sagt, es ist keine Sunde zu hinken” (Ruckert, *Makamen des Hariri*).

<sup>4</sup> Ver p. 108-110.

direção às neuroses traumáticas e à *compulsão à repetição* [*Wiederholungszwang*], (ou *contrainte de répétition* na nova tradução francesa das *Œuvres complètes*<sup>5</sup>) nos sonhos dos pacientes, Freud deixa esse “tema obscuro” para se voltar às brincadeiras infantis e estudar o trabalho do aparelho psíquico em situações comuns da primeira infância.

A brincadeira repetitiva da criança, que Freud apresenta como sua primeira brincadeira inventada, consiste em lançar para longe de si todos os pequenos objetos à sua disposição na sala, proferindo um “O” prolongado, reconhecido como um *fort* (em francês, *loin*, longe, traduzido por *parti*, partiu, na tradução francesa de 1981). Um dia Freud assiste a uma brincadeira similar que consiste em lançar um carretel de madeira preso por um barbante por cima da beirada do berço da criança, cercado por uma cortina, e em seguida pegá-lo de volta. Essa brincadeira de desaparecimento-reaparecimento é efetuada com dois gestos alternativos e opostos, acompanhados do vocábulo *O* para o lançamento e de um alegre *da!* (“aqui está”) para o retorno. Familiar ao contexto da observação, Freud enfatiza o lançamento do carretel, interpretando essa brincadeira como uma representação da partida e da ausência da mãe, equivalente a um “vá embora!” (*fort!*), ou então, propõe ele, como o prazer de controlar ativamente no cenário lúdico o evento doloroso sofrido passivamente na experiência.

Freud completa essa observação por meio de uma outra, mencionada em nota, que mostra a relação de brincadeiras de esconder com a constituição da imagem especular:

Um dia em que sua mãe havia estado ausente por longas horas, ela foi saudada, ao retornar, com a mensagem *Bebê o-o-o-o*, aparentemente ininteligível em um primeiro momento. Mas não se tardou a perceber que a criança havia encontrado durante sua longa solidão um meio de fazer desaparecer a si mesma. Ela havia descoberto sua imagem em um espelho que não chegava totalmente ao chão e, então, havia se agachado de maneira que a imagem no espelho tinha ‘partido’.<sup>6</sup>

A criança faz desaparecer sua imagem para si mesma ou, antes, faz seu corpo desaparecer na sua imagem no espelho, que ocupa agora o lugar do outro.

Depois de Freud, estudiosos como M. Klein, H. Segal, S. Isaac, D.R. Winnicott, e, mais recentemente no domínio da psicologia, J. Bruner, comentaram e teorizaram tais brincadeiras bastante conhecidas de desaparecimento-reaparecimento ou de esconde-esconde, de acordo com suas variadas modalidades de realização. Eu me interessei pelas variantes interpretativas em um trabalho sobre a voz e a imagem do corpo.<sup>7</sup> Porém pretendo ater-me somente à releitura que Lacan faz da observação de Freud, não para discutir seu ponto de vista metapsicológico, mas para

retomar o modelo estrutural da constituição do signo, que logo confrontarei com um outro modelo.

Foi possível, de fato, evidenciar o valor opositivo e relativo dos elementos fonêmicos que conotam o movimento duplo da pulsão (repulsa-atração). Lacan faz da manifestação de linguagem apreendida por Freud a hipótese inaugural pela qual a criança transcende a realidade imaginária da presença e da ausência. A brincadeira da criança com o carretel é comentada no Discurso de Roma (1953), e esse comentário é retomado, com novas observações, em 1954, no seminário *Os escritos técnicos de Freud*.<sup>8</sup> Lacan insiste, em uma interpretação inspirada pela lição de Hegel, na negatividade da qual procede a elevação do desejo à dimensão simbólica da linguagem, vendo na ação da criança a destruição do objeto “na provocação antecipadora de sua ausência e de sua presença”.

E esse objeto que ganha instantaneamente corpo no par simbólico de duas efusões elementares anuncia no sujeito a integração diacrônica da dicotomia dos fonemas – *isso quer dizer simplesmente que é a porta de entrada para o que já existe, os fonemas que compõem uma língua* –, dos quais a linguagem existente oferece a estrutura sincrônica para sua assimilação; afinal ele já se introduz no sistema do discurso concreto do ambiente, reproduzindo de maneira mais ou menos aproximada, com seu *Fort* e com seu *Da*, os vocábulos que recebe desse ambiente – *dessa forma, é de fora que ele recebe, recebe o Fort/Da* – de fato foi já em sua solidão que o desejo da criança se tornou o desejo de um outro, de um *alter ego*, que o domina e cujo objeto de desejo é agora sua própria pena.<sup>9</sup>

A propósito desse momento crucial no qual o sujeito inscreve seu desejo nos elementos discretos de uma sequência significante mínima, Lacan explicará, em seu seminário sobre o conceito de repetição (*Seminário, Livro XI*), que o carretel é apenas o índice do sujeito, seu objeto revestido da insígnia do significante (o par das oposições fonêmicas), e que a brincadeira da repetição da partida da mãe é o *representante da representação*, a marca de uma ausência ou, para ser mais preciso, do que vem a fazer falta para o sujeito.<sup>10</sup>

<sup>5</sup> A tradução consagrada até hoje, em língua francesa, é *compulsion de répétition*. (N.T.)

<sup>6</sup> Idem, nota 2 da p. 53.

<sup>7</sup> Dominique Ducard, *La Voix et le Miroir: Une étude sémiologique de l'imaginaire et de la formation de la parole*, Paris: L'Harmattan, 2002.

<sup>8</sup> O discurso pronunciado em Roma em 1953 é retomado nos *Écrits* com o título *Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse* (*Écrits I*, Paris, Points Seuil, p. 111-208). Ele é relido e comentado por seu autor em *Le Séminaire, livre I, Les écrits techniques de Freud*. Paris: Seuil, 1975.

<sup>9</sup> *Le Séminaire, livre I*, p. 196. Destacamos o comentário que Lacan faz de seu próprio texto.

<sup>10</sup> Ver *L'inconscient et la répétition* em *Le séminaire, Livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Seuil, 1973.

Assim como ilustra perfeitamente a expressão lacaniana de *substituição significante* e dá conta do acesso ao universo dos signos através da *dominação simbólica do objeto perdido*, a brincadeira da criança com o carretel mostra a criatividade do ser humano, sua capacidade de fazer do acontecimento o que Freud chama de “um objeto de elaboração psíquica”.<sup>11</sup> Com efeito, a criança realiza imaginariamente a separação em um espaço de projeção, no sentido literal, através de um gesto de distanciamento ou de ocultação do objeto, que é significativo em si mesmo. A escansão vocal – sequência rítmica e modulada: Freud precisa que o “O” é um som prolongado, sustentado e suspensivo (ele o grafava como “O-O-O-O”), enquanto o “da” é breve e alegre, exclamativo, conclusivo – que acompanha a atividade sensorio-motora faz parte de um mesmo movimento simbólico, mas introduz um outro grau de significância, o dos signos linguísticos. Freud menciona, por outro lado, que a criança já conta com alguns vocábulos em seu repertório. As duas séries de oposições e de diferenças, gestuais – ou melhor, mímico-posturo-gestuais – e fonoprosódicas, não são simples elementos de uma lógica combinatória da qual surge um efeito de sentido, elas são solidárias em uma função de simbolização na qual o corpo é primordial.

## O gesto da faca

Um outro cenário nos permitirá ressaltar a atividade de simbolização, de acordo com um princípio de continuidade semiótica e genética entre o corpo e a linguagem. Uma cena mencionada em uma obra sobre uma escola francesa de surdas-mudas e cegas<sup>12</sup> levou a uma teorização da gênese do *gesto significante* pelo padre jesuíta Gaston Fessard, filósofo hegeliano quase desconhecido atualmente.<sup>13</sup> Interessei-me por suas reflexões sobre o signo, o símbolo, a imagem e a linguagem em virtude de uma investigação, dentro de um grupo de trabalho,<sup>14</sup> sobre as fontes teóricas da obra de Gisela Pankow, psiquiatra e psicanalista, que desenvolveu uma teoria original e fecunda, a partir de sua experiência clínica das psicoses, da *imagem do corpo vivido*.<sup>15</sup> Fessard foi um interlocutor privilegiado de Pankow e certamente lhe permitiu confirmar filosoficamente a noção de *função simbolizante* da *imagem do corpo vivido*. O ponto de partida da interpretação de Fessard, densa e precisa, encontra-se em uma página na obra de onde ele extrai o caso. Trata-se de uma menina de 10 anos, surda-muda e cega, chamada Marie Heurtin, confiada por seu pai às irmãs da instituição religiosa Notre-Dame de Larnay, que se comporta como uma “criança selvagem”, presa de agitação intensa, violenta e agressiva, que não suporta o contato e que não se pode deixar só.

Não obstante Irmã Marguerite havia começado a instrução de sua terrível aluna. Lembrando que Marie tinha uma afeição particular por um pequeno canivete

trazido de casa, ela o tomou. Marie se aborreceu. Ela o devolveu por um momento e lhe colocou as mãos uma sobre a outra, uma cortando a outra, o sinal abreviado para designar uma faca na linguagem dos surdos-mudos, depois ela retomou o objeto: a criança ficou irritada, mas logo que teve a idéia de refazer ela própria o sinal que lhe fora ensinado, Marguerite lhe devolveu a faca definitivamente. O primeiro passo estava dado: a criança tinha compreendido que havia uma relação entre o signo e o objeto.<sup>16</sup>

É a partir desse relato, aparentemente um tanto insignificante, que o filósofo elabora uma espécie de ficção teórica sobre a formação do signo, analisada como uma sequência de atos, ao mesmo tempo físicos e psíquicos, lógica e fenomenologicamente articulados.

Vou então retomar, reduzindo-a ao essencial para meu propósito, a demonstração de Fessard, que reconstrói, de acordo com sua filosofia da linguagem, as fases teóricas do nascimento do signo, fixando-se nos momentos de transição da narração. A fase inaugural da ação é aquela em que a educadora retira voluntariamente da criança a faca à qual esta está afetivamente ligada. A criança reage contraindo seu corpo, privada do gozo do objeto, em um movimento de desamparo e de cobiça do que lhe foi privado. Entre o momento em que a faca é dada e aquele em que ela é novamente tirada, a educadora realiza um gesto intencional para o outro – então desprovido da compreensão do signo como instrumento de conhecimento e de comunicação – na intenção de fazer emergir sua consciência, procurando transformar a dupla ligação entre a faca e Marie e entre ela e Marie. A criança é, por inteiro, um “corpo-para-si”, desapossado e privado de uma parte do que era a unidade Marie-faca, em uma atitude de tensão voltada para um outro “corpo-para-si”. A separação e o estado de perda assim sentidos permitem estabelecer uma distinção entre Marie sem a faca (“desejo frustrado”) e Marie com a faca (“desejo satisfeito”), e a criação de uma *imagem* do objeto ausente-presente, imagem definida como “uma similitude indireta do objeto do desejo”. Essa primeira imagem é *imagem* da matéria da faca em contato

<sup>11</sup> *Au-delà du principe du plaisir*, op. cit., p. 20.

<sup>12</sup> Louis Arnould, *Ames en prison: l'école française des sourdes-muettes-aveugles et leurs sœurs des deux mondes*, Paris, 1926, 12. éd. [1910, 1<sup>ère</sup> éd.].

<sup>13</sup> Gaston Fessard desenvolveu sua análise em um manuscrito de 50 páginas intitulado “Langage, Vérité, Histoire”. A segunda parte desse texto foi publicada no *Appendice I* de sua obra *Le Mystère de la Société. Recherches sur le sens de l'histoire*, com o título de “A propos de l'apprentissage du langage d'une sourde-muette-aveugle: Marie Heurtin” (éd. Culture et Vérité, Bruxelles, 1997, p. 527-563).

<sup>14</sup> Grupo dirigido por Pierre-Paul Lacas, membro da Sociedade de Psicanálise Freudiana e da Associação Internacional dos Amigos de Gisela Pankow (<http://www.psychanalyse-in-situ.fr/assoc/aiagp.html>).

<sup>15</sup> Refere-se às seguintes obras de Gisela Pankow, todas publicadas pela Editora Aubier, Paris: *L'homme et sa psychose* (1969, 1973, 1983) [*O homem e sua psicose*, Ed. Papyrus, 1989], *L'être-là du schizophrène* (1981), *Structure familiale et psychose* (1977, 1983), *L'homme et son espace vécu* (1986) [*O homem e seu espaço vivido*, Ed. Papyrus, 1988].

<sup>16</sup> Op. cit., p. 1 do *Appendice*.

com o corpo em um “movimento orgânico estendido em direção ao objeto desejado, mas impedido de alcançá-lo”, “atitude desejanante” que é então a única *forma* do objeto.

Em uma segunda fase, em dois momentos, a educadora induz um “*gesto forçado*” com as mãos da criança, que simula a forma e a função da faca. A sequência faca retirada/retorno da faca e gesto forçado vai ser repetida várias vezes, até se tornar uma espécie de jogo.

Nos dois últimos momentos consecutivos ao ato da privação, a sucessão dos exercícios introduz um gesto que se interpõe entre o corpo desapossado de seu objeto de gozo e o corpo apossado. Esse gesto torna-se, por reiteração, um esquema abstrato de ação (“a disposição de cortar”), “através da similitude total da operação realizável pela forma da faca”, da qual se supõe que a criança já fez uso.

O outro momento de transição sobrevém quando o “gesto forçado”, tornado gesto admitido, é reproduzido espontaneamente pela criança. De sinal de uma situação ele se torna, pelo jogo de alternância e de antecipação, no espaço entre dois “corpos-para-outro”, um “signo intencional” de apelo ao outro. À união entre o sujeito e o objeto se sobrepõe a união de dois sujeitos por intermédio de um objeto de mediação, que não é mais, conseqüentemente, puro objeto de gozo. Uma nova *imagem* foi criada, à qual se subordina a primeira imagem do objeto-matéria, mas sem aniquilá-la, por “similitude do objeto enquanto forma”. Uma dupla transformação é concomitante dessa passagem: transformação da ligação entre Marie e o objeto, transformação da ligação entre Marie e sua educadora. Marie apoderou-se, por um ato inteligente, do *gesto significante* que poderá se substituir ao objeto que representa. O signo adquire assim sua forma e seu valor significativo em uma troca entre sujeitos. Em sua plena realização, substituto destacável da realidade, manipulável e combinável com outros signos (o gesto aprendido faz parte do sistema semiológico de uma linguagem visual), ele se tornará meio de compreensão e de ação, para si e para outro. O signo, cuja emergência está exemplificada pelo cenário descrito, é então definido como “Um movimento pelo qual um ser para si, alguém, dá a conhecer seu desejo, sua intenção, a alguém, outro ser para si, a respeito de algo em vista de uma unidade compreensiva com ele sobre o âmago desse algo”.<sup>17</sup> A conjunção do que está *em vista de, para e a respeito de* é essencial à atividade significante da linguagem.<sup>18</sup>

As perspectivas de Fessard se ajustam, no essencial, à tradição agostiniana, segundo a formulação bem conhecida do *De doctrina christiana*, que diz: “O signo é algo que, para além da impressão que produz sobre os sentidos, faz vir, espontaneamente, algo distinto ao conhecimento”.<sup>19</sup> O signo, nessa ótica, é duplamente relacional. Ele é, primeiro, signo em relação a esse *aliquid aliud* (algo distinto), distinto do que é enquanto

percepto sensível e que ele traz ao conhecimento. É a passagem do sensível ao inteligível que lhe dá um valor cognitivo. A noção de *manductio* é utilizada pelos autores da Idade Média para explicar que o signo nos conduz, como “nos pegando pela mão”, ao desconhecido ou ao invisível. O signo é, por outro lado, signo em relação a alguém para quem traz ao conhecimento algo distinto do que ele é. Uma das dimensões da ação dos signos, discutida pelos teólogos,<sup>20</sup> é, por outro lado, aquela do pacto, reconduzido a cada ato de significar, de que ele tira sua eficiência, na comunicação e na troca. Saussure, que lembra constantemente que a “vida dos signos” se passa inteiramente na mente dos sujeitos falantes, insistirá no fato de que essa vida se estabelece sobre um contrato, operando sem cessar no tempo histórico do discurso e da língua.<sup>21</sup>

### Signo, significação, representação

Darei uma outra referência à teoria do signo, proveniente da Escolástica, familiar a Fessard. Ela está exposta em um ensaio de Jacques Maritain, que resume sua proposta dizendo: “O signo *manifesta* ou dá a conhecer; e ele manifesta e dá a conhecer algo diferente de si, cujo *lugar ele toma* e a respeito do qual ele exerce uma função ministerial, e do qual ele *depende* assim como de sua medida”.<sup>22</sup> Para que o significado, segundo Maritain, esteja presente no signo *in alio esse*, é preciso perceber a relação de significação, ou seja, ter uma “ideia”. Ele remete também ao despertar do entendimento em surdas-mudas cegas, como exemplos particularmente

<sup>17</sup> *Appendice I*, p. 12. A definição de Fessard pode ser relacionada a uma daquelas de C.S. Peirce: “Um signo, ou *representamen*, é algo que serve de algo para alguém em relação a algum aspecto ou algum motivo. Ele se endereça a alguém, quer dizer, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou talvez um signo mais desenvolvido. Chamarei esse signo criado de *interpretante* do primeiro signo. Tal signo substitui algo: seu *objeto*. Substitui esse objeto não em todos os aspectos, mas por referência a uma espécie de ideia que chamei por vezes de *fundamento do representamen*”. (*Écrits sur le signe*, Paris: Seuil, 1978, p. 121).

<sup>18</sup> Assim A. Culioli declara com insistência: “[...] na construção do sentido há somente troca. E ajustamento: o sentido é sempre ‘em vista de’, é sempre ‘para’, para sujeitos, ‘a respeito de’, etc. Melhor dizendo, é sempre uma questão de correlação que tem valor”. (“Un linguiste face aux textes saussuriens. Entretien avec Simon Bouquet”, *L’Herne* 76, Saussure, Paris: Editions de L’Herne, 2003, p. 145).

<sup>19</sup> Augustin *De Doctrina Christiana*, II, i, 1 (CCL 32, IV/1, p. 32): “Signum vero est res praeter speciem quam ingerit sensibus, aliquid aliud ex se faciens in cognitionem venire”.

<sup>20</sup> No que tange à questão do sacramento como “signo eficaz”, os teólogos opõem a teoria da causalidade-física (o poder do signo se deve a uma qualidade dotada por instituição) e a da causalidade-pacto (o poder se deve a um pacto original, renovado a cada utilização do signo). Reportar-se à obra de Irène Rosier-Catach, *La Parole efficace. Signe, rituel, sacré*, Paris: Seuil, 2004.

<sup>21</sup> Saussure fala assim de um “contrato fundamental entre a mente e o signo em um momento qualquer” ou de “contrato fundamental entre a ideia e o símbolo, em particular entre [esta] e um símbolo independente que o represente”. (*Écrits de linguistique générale*, Paris: Gallimard, 2002, p. 206 et p. 209).

<sup>22</sup> Jacques Maritain, “Signe et symbole” *Quatre essais sur l’esprit dans sa condition charnelle*, Paris, Desclée de Brouwer, 1939, p. 64. Maritain cita a seguinte definição de Jean de Saint-Thomas (Log. II. p., q. 21): “Signum est id quod repraesentat aliud a se potentiae cognoscendi”.

sugestivos da descoberta do valor de significação de um “signo sensível”, digamos, um significante. Maritain cita, em nota, o livro *Âmes en prison* de Louis Arnaud e o comentário que Maurice Blondel fez sobre ele em sua obra sobre *o pensamento*.<sup>23</sup> Este, em um *Excursus*, menciona o caso de outra surda-muda cega (Lydvine Lachance) em que, “foi também para provocar, por meio de uma tendência contrariada, uma reação e a invenção de um signo” que foi necessário e suficiente esmerar-se para “desemparedar” a criança.<sup>24</sup> O signo em questão era o sinal datilológico que designava “o objeto de seu desejo obscuro” – o leite – pelo qual ela era ávida. Em suas observações, Maritain insiste na antecedência do exercício dos “signos sensíveis” (gesto, grito...), no conhecimento da relação de significação, o jogo operando no momento de uma primeira percepção dessa relação. O signo é exercido antes de ser conhecido,<sup>25</sup> mas, para as “almas aprisionadas”, indica ele, o conhecimento da relação de significação vem com o exercício, imposto por terceiros.

O cenário de Freud, assim como o de Fessard, mostra que a brincadeira supõe que a criança *descobriu* o valor, convencional ou não, de signos que lhe são apresentados ou fornecidos pelos outros, no momento em que ela percebeu uma relação de significação entre uma forma na prática e uma imagem-representação. O que Maritain denomina relação de significação é mais precisamente uma relação de representação, e o uso do termo “significado” é, nesse caso, problemático. Do ponto de vista semiológico, Saussure deixa claro que é impossível opor um significante e um significado e que só se pode opor um significante a um signo.<sup>26</sup> Na língua, “ou seja, no sujeito falante” – indica ele entre parênteses em uma de suas notas –, há somente relações, de três tipos, com quatro termos: signo, significação, forma, figura, o “QUATÉRNIO FINAL”,<sup>27</sup> superando assim o ponto de vista habitual segundo o qual “se afirma que existem termos *duplos* que comportam uma forma, um corpo, um ser fonético – e uma significação, uma idéia, um ser, uma coisa espiritual”.<sup>28</sup> As três relações são apresentadas no seguinte quadro:<sup>29</sup>

VISÃO PROPOSTA		
I		II
Diferença geral das significações (existe somente segundo a diferença das formas)	Uma significação (relativa a uma forma)	Figura vocal (servindo de forma ou de formas em I)
Diferença geral das formas (existindo somente segundo a diferença das significações)	Uma forma (sempre relativa a uma significação)	

A esse quadro, em que o único termo isolável, mas que pode entrar em uma relação de significação, é a *figura* (ela

é “figura vocal”, pois o sistema fonológico é prioridade), Saussure acrescenta um comentário destacando o valor relativo das formas e das significações:

Existem formas e significações possíveis (de maneira nenhuma correspondentes); na verdade, existem até mesmo *diferenças* de formas e *diferenças* de significações; por outro lado, cada uma de suas ordens de *diferenças* (por consequência de coisas negativas nelas mesmas) não existe como diferença a não ser graças à união de uma com a outra.<sup>30</sup>

Temos aqui uma apresentação da noção de sistema, com sua arbitrariedade interna, na qual é tomado o sujeito falante. Porém, enquanto Lacan propõe o fundo de ausência no jogo inicial dos primeiros elementos da língua, Pankow, ao contrário – insistindo por outro lado no processo de *exclusão* de tudo o que se relaciona ao corpo (separação e distinção) e mais comumente à existência humana (as escolhas) –, ressalta a presença no valor simbólico da linguagem:

Na palavra para “mãe”, com a qual a criança chama sua mãe ausente, essa última não se encontra plenamente contida em sua própria existência? O exemplo genial que Freud nos dá dessa criança que brinca com o *Fort-da*, com a alternância distanciamento-presença, mostra o caminho da criação da linguagem.<sup>31</sup>

Fessard, em suas reflexões sobre a linguagem, é o suporte teórico dessa maneira de concebê-la. O que eu utilizarei mais particularmente da análise da formação

<sup>23</sup> Maurice Blondel, *La pensée, la genèse de la pensée et les paliers de son ascension spontanée*, Paris: PUF, 1948 [1934].

<sup>24</sup> O comentário de Blondel é intitulado “Extension du cas d’une sourde-muette-aveugle à d’autres cas plus ou moins analogues et réflexions sur la méthode de la psychologie concrète”, idem, p. 283-287. “Como destaca seu biógrafo”, diz Blondel, ‘parte essencial do edifício’ é o signo, a idéia de um signo, a invenção consciente de um signo, com tudo o que implica tal iniciativa voluntária, repetível, que permite precisar, discernir, encarnar desejo, concepção e ação” (p. 284).

<sup>25</sup> Antecipando o que será dito sobre a imagem do corpo como forma primordial, citarei Pierre-Paul Lacas, que insiste na antecedência do exercício sobre o reconhecimento: “A ‘vivência’ da imagem do corpo designa o ato sensível tomado na estrutura dinâmica da presença (estar-no-mundo), anterior a uma representação significada. *Bildung* permite compreender *Bild* de *Körperbild*. A representação significada resulta do ato exercido que a fundamenta” (“Aux sources de la pensée de Gisela Pankow”, *Présence de Gisela Pankow*, Paris: Campagne Première, 2004, p. 51).

<sup>26</sup> Essa declaração de Saussure é decisiva: “Tantas vezes opusemos o *som* material a tudo aquilo que pode ser oposto a ele que tememos que nossa nova distinção seja confundida com outras. Nossa oposição é, entretanto, muito clara. Entre as coisas que podem ser *opostas* ao som material nós negamos, essencialmente e sem nenhuma futura falha detalhada, que seja possível *opor* a ideia. O que é possível de ser oposto ao som material é o *grupo som-ideia*, mas absolutamente não a *ideia*” (*Ecrits de linguistique générale*, p. 202).

<sup>27</sup> A palavra “quatérnio”, do latim *quaternio*, é empregada na Matemática para designar um número complexo composto de quatro unidades.

<sup>28</sup> *Ecrits de linguistique générale*, op. cit., p. 39. A citação é retirada dos documentos descobertos em 1996, dos quais uma parte é intitulada “De l’essence double du langage”.

<sup>29</sup> Idem, p. 42.

<sup>30</sup> Idem, p. 42-43.

<sup>31</sup> Gisela Pankow, *L’homme et sa psychose*, Paris: Aubier, 1983 [1969, 1973], p. 285.

do *gesto significante* é a relação de derivação entre uma primeira imagem, que é a imagem do objeto enquanto matéria, e uma imagem do objeto enquanto esquema, que se torna signo como *forma de imagem*. O gesto tem três *status* sucessivos, que são as três camadas do signo final: *imagem indireta do objeto de desejo*, *imagem direta do objeto de conhecimento* (esquema abstrato), *forma de imagem* na fase de conclusão. Para que essa transformação se realize, é preciso que o gesto se torne “gesto significante” para o sujeito em uma nova relação com o objeto e com o outro. A relação com o outro é necessariamente, do ponto de vista da gênese, dissimétrica – Fessard segue o esquema hegeliano dominante-dominado do senhor e do escravo –; o outro que fala e comunica, que está no mundo dos signos constituídos, mostra o gesto ou fornece o material da linguagem. O testemunho sobre a história de Marie Heurtin revela que ela conseguiu mais tarde aprender datilografia e escrita em braile.

Seguindo de perto as fases identificadas nessa ficção teórica e considerando a passagem de uma à outra, distinguirei uma primeira forma, que é a *imagem do corpo vivido*, cuja causa formal é o objeto de desejo presente-ausente, e uma segunda, que se constitui numa *figura* pelo exercício e pela experiência reiterada, a princípio *forma figurada* (imagem formal) e, em seguida, *forma figurativa* (forma de imagem), que representa uma representação de objeto, plenamente signo quando elemento de um sistema semiológico.

“Uma figura vocal, diz Saussure, torna-se uma forma a partir do instante crucial em que é introduzida no jogo de signos chamado língua, da mesma maneira que um *pedaço de tecido* adormecido no fundo de um navio se torna um *signal* no instante em que é içado: 1) entre outros signos içados no mesmo momento e que concorrem a uma significação; 2) entre cem outros que *poderiam ter sido* içados, e cuja lembrança não deixa de concorrer para...”<sup>32</sup>

Certas condições devem estar reunidas para que o valor significativo do objeto promovido ao *status* de signo, através de combinação e seleção, seja reconhecido e bem interpretado. Porém a comparação utilizada destaca as relações sintagmáticas e as relações associativas que organizam o sistema. Nessa reflexão sobre a forma como dado semiológico, Saussure, a partir de uma série de palavras do vocabulário da moral, aponta a distância entre a palavra e o que ela designa, que não pode estar contido nos limites de um termo estável, e indica como extrínseca à linguística a interrogação, “digna de análise”, sobre até que ponto uma palavra corresponde a um fato determinado.

## Concluindo

Essa questão é retomada, de outra maneira, na teoria das operações enunciativas de Culioli, na qual as palavras são apreendidas como sensores de sentido e os enunciados,

como disposição de marcadores que conservam o traço das representações e das operações que os produziram. Nessa perspectiva, os marcadores são desencadeadores de representações, e a investigação linguística visa à atividade simbólica ligada à linguagem. Essa atividade, de ordem cognitivo-afetiva, é uma atividade de produção e de reconhecimento interpretativo de formas, que se pode reduzir, através da análise e do raciocínio, a formas esquemáticas, abstratas, análogas, no sistema de representação metalinguística, a movimentos de pensamento – que Culioli denomina de “gestos mentais” – e que são fundados sobre uma sensorialidade e uma motricidade interiorizadas e mentalizadas. Essa abertura, que proponho como conclusão, para uma linguística da enunciação deveras desconhecida por psicanalistas, é também um convite a re-situar a linguagem na atividade corporal, não somente levando em conta a gestualidade e a prosódia, mas também considerando formas de língua como formas de imagens do corpo. Em um “*Va t’en!*” [“Saia daqui!”] (o “*Fort!*” alemão), a expulsão para fora de um espaço próprio não se faz ouvir e compreender somente pela injunção e pelo esquema entonativo, ela é percebida no *en final* acentuado, que é nesse caso um marcador de afeto. Culioli, que fez um estudo sobre o pronome francês *en*,<sup>33</sup> quando não se encontra em uma relação anafórica de tipo referencial, relaciona esse marcador ao pronome *ça*, como uma recategorização que é da ordem do afeto: “*en* remete ao âmago da afetividade profunda do sujeito”. O “*Va t-en!*” significa também na sua forma o gesto de rejeição que ele contém.<sup>34</sup>

## Referências

- ARNOULD, L. *Ames en prison: l'école française des sourdes-muettes-aveugles et leurs sœurs des deux mondes*. 12. éd. Paris, 1926 [1910, 1<sup>ère</sup> éd.].
- BLONDEL, M. *La pensée*, I. la genèse de la pensée et les paliers de son ascension spontanée. Paris: PUF, 1948 [1934].
- CULIOLI, A. Un linguiste face aux textes saussuriens. Entretien avec Simon Bouquet, *L'Herne* 76, Saussure. Paris: Editions de L'Herne, 2003. p. 137-140.
- DUCARD, D. *La Voix et le Miroir. Une étude sémiologique de l'imaginaire et de la formation de la parole*. Paris: L'Harmattan, 2002.
- FESSARD, G. A propos de l'apprentissage du langage d'une sourde-muette-aveugle: Marie Heurtin. Appendice à *Le Mystère de la Société*. Recherches sur le sens de l'histoire. Bruxelles: Ed. Culture et Vérité, 1997. p. 527-563.

<sup>32</sup> Op. cit., p. 38.

<sup>33</sup> Seminário oral da Ecole Normale Supérieure d'Ulm, Paris, 2000.

<sup>34</sup> N.T.: A palavra francesa *en*, sem equivalente em português, é um pronome pessoal e complementa um verbo, nome ou pronome, e corresponde a um substantivo ou pronome regido pela preposição *de*; também pode ser um advérbio de lugar e equivale a *de là* [daqui]. Em um grande número de expressões, seu valor é impreciso, como em *s'en aller*, que significa partir. *Ça* [isso] é uma forma reduzida do pronome demonstrativo *cela* [aquilo] e representa aquilo de que se falou. Fonte: Grevisse, 1990.

FREUD, S. Au-delà du principe du plaisir [Jenseits des Lutsprinzips, *Gesammelte Werke*, 1920, t. XIII, p. 3-69]. *Essais de psychanalyse*. Traduction par J. Laplanche et J.B. Pontalis. Paris: PB Payot, 1981.

LACAN, J. Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse. *Ecrits I*. Paris: Points. Seuil, 1966. p. 11-208.

LACAN, J. *Le Séminaire, livre I*. Les écrits techniques de Freud. Paris: Seuil, 1975.

LACAN, J. *Le Séminaire, livre XI*. Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse. Paris: Seuil, 1973.

LACAS, P.P. Aux sources de la pensée de Gisela Pankow. In: *Présence de Gisela Pankow*. Paris: Campagne Première, 2004. p. 31-63.

MARITAIN, J. Signe et symbole. *Quatre essais sur l'esprit dans sa condition charnelle*. Paris: Desclée de Brouwer, 1939.

PANKOW, G. *L'homme et sa psychose*. Paris: Aubier, 1983 [1969, 1973].

ROSIER-CATACH, I. *La Parole efficace*. Signe, rituel, sacré. Paris: Seuil, 2004.

SAUSSURE, R. de. *Ecrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 2002.

Université de Paris XII – Val-de-Marne  
61, avenue du Général De Gaulle  
94010 – Créteil – França

Recebido: 14-03-08  
Aprovado: 04-12-08